

NIXON E KISSINGER

Robert Dallek

NIXON E KISSINGER

parceiros no poder

Tradução:
Bárbara Duarte

Revisão técnica e notas à edição brasileira:
Arthur Ituassu
Professor de relações internacionais, PUC-Rio


ZAHAR
Rio de Janeiro

Para os nossos netos: Hannah Claire Bender e Ethan Jack Bender

Título original:
Nixon and Kissinger
(*Partners in power*)

Tradução autorizada da primeira edição norte-americana,
publicada em 2007 por HarperCollins Publishers,
de Nova York, EUA

Copyright © 2007, Robert Dallek

Copyright da edição brasileira © 2009:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Projeto gráfico e composição: Carolina Falcão
Capa:
Ilustração da capa:

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Dallek, Robert
D151n Nixon e Kissinger: parceiros no poder / Robert Dallek; tradução Bárbara
Duarte; revisão técnica e notas Arthur Ituassu. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar
Ed., 2009.

il.

Tradução de: Nixon and Kissinger: partners in power
Inclui bibliografia e índice
ISBN 978-85-378-0130-7

1. Nixon, Richard M. (Richard Milhous), 1913-1994. 2. Kissinger, Henry,
1923-. 3. Presidentes – Estados Unidos – Biografia. 4. Estadistas – Estados Uni-
dos – Biografia. 5. Estados Unidos – Relações exteriores – 1945-1989. I. Título.

09-0828

CDD: 923.173
CDU: 929:32(73)

Sumário

Lista de abreviaturas 7

Prefácio 9

parte I | Uma amizade peculiar 15

1 Nixon 17

2 Kissinger 46

3 1968 71

parte II | Os limites do poder 93

4 A Casa Branca de Nixon e Kissinger 95

5 Esperança e ilusão 107

6 A política da política externa 139

7 Os problemas se multiplicam 174

8 Administradores de crises 211

9 O inverno do descontentamento 249

parte III | A melhor fase 285

10 O caminho para a *détente* 287

11 Perdas e ganhos: a *détente* na Ásia 326

12 Os guerreiros pacificadores 369

13 Vitórias maculadas 406

parte iv | **O pior momento** 443

- 14 Novas crises 445
- 15 Sob a sombra de Watergate 482
- 16 O governo Nixon–Kissinger 533
- 17 O fim de um governo 575

Epílogo 619

Fontes 630

Notas 631

Bibliografia 694

Crédito das fotos 698

Agradecimentos 699

Índice remissivo 702

Salvo indicação em contrário, as notas de rodapé são do revisor técnico.

Lista de abreviaturas

AC	Arquivos Confidenciais
ACAH	Arquivos de Crônicas de Alexander Haig
AECB	Arquivos Especiais da Casa Branca
AGHK	Arquivos de Gabinete de Henry Kissinger
AGP	Arquivos de Gabinete do Presidente
AH, AECB	Alexander Haig, Arquivos Especiais da Casa Branca
APP	Arquivos Pessoais do Presidente
BC	Biblioteca do Congresso
CT(s)	Conversa(s) de telefone
DDE	Dwight David Eisenhower
DPP:RN	Documentos Públicos dos Presidentes: Richard Nixon
FLN	Frente de Libertação Nacional
FOIA	[Freedom of Information Act] Lei da Liberdade de Informação
GAEW	Grupo de Ações Especiais de Washington
GAS	Grupo de Análise Sênior
GEEV	Grupo de Estudo Especial do Vietnã
HK	Henry Kissinger
IDP	Informes Diários do Presidente
JFK	John F. Kennedy
LBJ	Lyndon B. Johnson
MAPN	Material Administrativo Presidencial de Nixon
MDSN	Memorando de Decisão de Segurança Nacional
Memcon	Memorando de Conversa
MESN	Memorando de Estudo de Segurança Nacional
n.d.	sem data
NMF	Nação Mais Favorecida
NSC	[National Security Council] Conselho de Segurança Nacional
REEUA	Relações Exteriores dos Estados Unidos

RN	Richard Nixon
RNC	Resumo de Notícias Comentado
Salt	[Strategic Arms Limitation Treaty] Tratado de Limitação de Armas Estratégicas
VN	Vietnã do Norte
WHY	<i>White House Years</i>
YOU	<i>Years of Upheaval</i>

Prefácio

A história humana se torna cada vez mais uma corrida entre a educação e a catástrofe.

H.G. Wells

Este livro aborda o exercício do poder por dois importantes praticantes desta arte no século XX: o presidente americano Richard Nixon e seu assessor Henry Kissinger, cuja enorme influência como assessor de Segurança Nacional e secretário de Estado o transformou em uma espécie de co-presidente, em especial no período em que o escândalo de Watergate* canalizou todas as atenções.

Quase tudo feito por Nixon e Kissinger durante os cinco anos e meio em que estiveram na Casa Branca já é conhecido. Suas principais iniciativas foram e continuam a ser pontos de referência na história da política externa americana. Por que e como agiram, no entanto, ainda são temas sobre os quais pouco se sabe e se compreende. Permanecem obscuras as questões por trás da fachada construída consciente e inconscientemente por cada um deles com o intuito de disfarçar suas verdadeiras intenções.

* Como verá o leitor, trata-se do famoso escândalo político que levou à renúncia de Nixon em 9 de agosto de 1974. Foi a primeira e única vez até hoje que um presidente americano renunciou.

As personalidades de Nixon e Kissinger não permitem respostas fáceis. Entretanto, eles são tão difíceis de serem compreendidos quanto outros líderes políticos como Franklin Roosevelt, John Kennedy, Lyndon Johnson e Ronald Reagan, já estudados por mim anteriormente. Isso não significa dizer que todos esses personagens são semelhantes. Na verdade, cada um possui características únicas, e cada um é um enigma a ser desvendado. De fato, mesmo que as biografias políticas não sejam perfeitas, é possível acreditar que nenhum grande líder é tão complexo a ponto de impedir uma leitura do homem por trás da imagem pública. Espero que este relato das histórias de vida de Nixon e Kissinger proporcione uma nova perspectiva sobre quem eles foram e os motivos que os levaram a trabalhar juntos, usando e abusando do poder.

Uma vasta coleção de arquivos ainda não utilizados permitiu a reconstrução da história desses dois personagens. A recente abertura de grande parte desse material – milhões de páginas de documentos da Segurança Nacional, 2.800 horas (de um total de 3.700) de fitas gravadas por Nixon e 20 mil páginas de transcrições telefônicas de Kissinger realizadas por assessores que ouviam, com seu consentimento, suas conversas – torna possível uma nova análise da atuação e da liderança política exercida por ambos, representativa do passado e instrutiva no presente.

A parceria Nixon-Kissinger apresenta ao historiador-biógrafo uma surpreendente ironia. Os dois presidiram um governo de sigilo inigualável. Porém, o volume de arquivos hoje disponíveis sobre o período torna a passagem deles pela Casa Branca a mais transparente da história política americana. Esse material proporciona uma oportunidade sem precedentes para investigar as estratégias políticas de Nixon e Kissinger. Em especial, as gravações possibilitam, como nunca antes, a reconstituição da relação do presidente com o seu principal assessor e dos dois com outros membros do governo, incluindo colaborações, rivalidades, traições, intrigas, blasfêmias e até mesmo palavrões.

Os grandes eventos do governo Nixon – o fim da Guerra do Vietnã, o início de uma nova era nas relações sino-americanas, a construção da *détente**

* O termo francês é utilizado no campo das relações internacionais para representar um período de abrandamento das tensões entre potências rivais, por meio de acordos diplomáticos e medidas que reforçam a confiança mútua.

com a União Soviética, os problemas no Oriente Médio, o apoio ao Paquistão na Guerra Indo-Paquistanesa, a derrubada do governo de Salvador Allende no Chile, o uso das questões externas para conter as pressões oriundas do caso Watergate, bem como o encobrimento da grave crise emocional que o presidente viveu durante o principal escândalo político da história americana – também podem ser reconstituídos de modo mais completo agora.

A riqueza desses dados fornece respostas mais confiáveis para várias perguntas, em especial aquelas relativas à decisão de prorrogar o conflito do Vietnã por mais quatro anos. A guerra poderia ter terminado antes? O regime em Saigon poderia ter sido salvo do avanço comunista? O resultado final da Guerra do Vietnã faz com que a escolha de Kissinger para o Prêmio Nobel da Paz de 1973 seja no mínimo controversa.

A abertura para a China é uma ação normalmente exaltada, tida em geral como a realização mais importante da política externa de Nixon e Kissinger. Mas como ocorreu e quem merece o crédito principal por viabilizá-la ainda é tema de debate. A utilidade do plano para contrabalançar a influência de Pequim e Moscou continua a ser questionada.

Da mesma forma, os argumentos sobre a sensatez e o valor da *détente* com a União Soviética ainda merecem atenção. Foram os acordos do Salt* e as negociações de comércio internacional com o Kremlin tão essenciais à estabilidade e à paz quanto Nixon e Kissinger acreditavam? Críticos neoconservadores da *détente* reclamam que a aproximação foi de fato uma manobra soviética que enfraqueceu mais do que beneficiou a segurança nacional americana. Os arquivos disponíveis e a passagem do tempo permitem avaliações mais apuradas da controvérsia.

Enquanto isso, a discussão sobre o Oriente Médio é mais que atual. O governo Nixon-Kissinger demorou muito para lidar com os problemas da região? A Guerra do Yom Kippur** poderia ter sido evitada? A decisão de elevar a condição de defesa dos Estados Unidos (Defcon) em resposta à ameaça

* A consagrada sigla em inglês para *Strategic Arms Limitation Treaty* (Tratado de Limitação de Armas Estratégicas). Dois acordos (Salt I e Salt II) foram assinados em duas rodadas de negociação sobre controle armamentista entre os Estados Unidos e a União Soviética, a primeira em 1969-72 e a segunda em 1972-79.

** Conflito travado entre 6 e 26 de outubro de 1973, quando uma coalizão de países árabes comandada por Síria e Egito invadiu o território israelense no principal feriado religioso judaico.

soviética de envio de tropas ao Sinai – para que lutassem ao lado do Terceiro Exército egípcio, em apuros na região – é perturbadora, principalmente em face das revelações expostas nos novos arquivos. De fato, em meio ao contexto recente de conflitos entre Israel e seus vizinhos árabes, a paz no Oriente Médio parece ser um assunto de interesse atemporal.

Em relação à Guerra Indo-Paquistanesa de 1971 e à decisão da Casa Branca de apoiar o Paquistão, os novos arquivos revelam que as decisões tomadas por Nixon e Kissinger em resposta a esta crise foram realmente controversas. A guerra foi uma ramificação da grande política de poder da Guerra Fria, como Nixon e Kissinger pensavam? A paz mundial corria tanto risco quanto acreditavam?

Da mesma forma, os esforços do governo Nixon primeiro para impedir o acesso de Allende ao poder e depois para derrubá-lo podem ser agora bem conhecidos. Este livro apresenta mais detalhes sobre a extensão da preocupação de Nixon e Kissinger com Allende e a reação da Casa Branca contra o político chileno. Ainda mais importante é reavaliar as alegações de que Allende era uma ameaça à segurança nacional americana no continente. Surgem inevitavelmente questões sobre a possibilidade de envolvimento do governo Nixon nas mortes do chefe do Estado-Maior chileno Rene Schneider, em 1970, e de Allende, em 1973. E que papel, se algum, os americanos tiveram no golpe liderado por Pinochet?

O uso por Nixon da política externa para enfrentar as ameaças de impeachment em 1973-74 também é uma parte incômoda da história de seu governo. As conseqüências dessa estratégia sobre a política externa americana do período merecem especial atenção, assim como o constante uso das relações internacionais como forma de se atingir objetivos políticos internos – uma característica de todo o governo Nixon. Ao mesmo tempo, a capacidade do presidente de conduzir o país durante a crise do impeachment também requer uma análise minuciosa. É impossível não questionar se Kissinger e outros membros do gabinete deveriam ter considerado invocar a 25ª Emenda,* a fim de impedir que potências estrangeiras adversárias pudessem tirar proveito de um governo debilitado, algo que o próprio Kissinger temia.

* A 25ª Emenda da Constituição americana, proposta pelo Congresso dos Estados Unidos em 6 de julho de 1965, estabelece procedimentos sucessórios para a substituição de um presidente desabilitado para o cargo.

Em discordância com o filósofo alemão Georg Hegel, para quem “nações e governos nunca aprenderam nada com a história”, certamente muitas questões levantadas neste livro são relevantes para os atuais problemas nacionais e internacionais. Temas como a validade da guerra no Iraque e a presença ali de tropas americanas, as relações com a China e a Rússia, a tensão permanente entre árabes e israelenses e as vantagens e desvantagens de um “governo imperial” podem ser melhor analisados a partir de uma nova perspectiva sobre o período Nixon e Kissinger – para o bem e para o mal.

ROBERT DALLEK
Washington, D.C., 2007

parte I

Uma amizade peculiar

1

Nixon

A filosofia de um homem é sua autobiografia, que pode ser lida na história de seu conflito com a vida.

Walter Lippmann, *The New Republic*, 17 de julho de 1915

Richard Nixon lutou para restabelecer seu prestígio político durante os quase 20 anos que viveu após a sua renúncia, em 1974. Para combater a percepção negativa que o público em geral tem dele, escreveu sete livros – a maioria sobre relações internacionais – que pudessem elevar ou ao menos reforçar sua reputação de estadista. Mesmo assim, no final de 1992, ele ainda se queixava para Monica Crowley, uma jovem assistente: “Desde então [a renúncia] ... só tenho recebido desaforos – insultado pela mídia como o ex-presidente que caiu em desgraça.”

Nixon sentia falta, acima de tudo, da atenção de seus sucessores na Casa Branca. A relutância de Gerald Ford, Ronald Reagan e George H.W. Bush* de o convocar ao Salão Oval para dar conselhos, em particular sobre política externa, o enraivecia. Quando Bush enviou a ele questões de segurança nacional em um formulário, “ele explodiu. ‘Não darei a eles [aos assessores de Bush] qualquer conselho a não ser que estejam dispostos a me agradecer em

* George Herbert Walker Bush, presidente dos Estados Unidos entre 1989-93, pai do posterior presidente George Walker Bush, que ocupou a Casa Branca por dois mandatos, entre 2001-09.

público”, disse a Monica Crowley. “Estou cansado de ser posto de lado ... Chega de entrar pela porta dos fundos da Casa Branca – no meio da noite – oculto pelo manto da escuridão.”

Na Convenção Republicana de 1992, Bush (pai) afirmou que Nixon tivera um papel fundamental na “vitória” dos Estados Unidos na Guerra Fria. “Ele foi corajoso”, disse Nixon, na ocasião. “É a primeira vez que alguém se refere a mim em uma convenção. Reagan nunca o fez.” Depois que Bill Clinton o chamou à Casa Branca para debater problemas nas relações com a Rússia, Nixon considerou esta a melhor reunião que teve “desde a época do governo”. E ficou agradecido por Clinton se dirigir a ele como “senhor presidente”. Mas quando percebeu que seu conselho não foi levado à frente, “ficou com raiva, desapontado e frustrado”.

Os ressentimentos de Nixon eram apenas parte de uma antiga mágoa alimentada por desprezos pessoais. Sua autobiografia é a história de um homem introspectivo cujos demônios internos desestabilizavam sua auto-estima. É a história de um homem excepcional cuja infância infeliz e as eternas tensões pessoais o impulsionariam em direção ao sucesso e ao fracasso.

Talvez Winston Churchill estivesse certo quando disse que por trás de todo homem extraordinário está uma infância infeliz. Mas como existem tantas crianças infelizes e tão poucos homens excepcionais, especula-se sobre o que mais contribuiu para a ascensão de Nixon à fama como congressista, senador, vice-presidente e presidente. Certamente, um dos principais motores da busca de Nixon por visibilidade pública foi sua necessidade incontrolável de se destacar – uma necessidade, talvez, que compensava feridas psicológicas e produzia uma força que o tornava determinado a alcançar a elite americana.

Como a maioria das autobiografias escritas por políticos americanos, Nixon romantiza sua criação, retratando uma infância “idílica” em Yorba Linda, na Califórnia, uma vila rural de 200 habitantes, a nordeste de Los Angeles, e em Whittier, uma pequena cidade de 5 mil habitantes a leste de Long Beach. Em suas memórias, ele se recorda do “perfume das flores de laranjeira na primavera ... do oceano Pacífico visto de relance a oeste [e] das montanhas San Bernardino ao norte”. Lembra também de sua curiosidade sobre “locais distantes”, provocada pelo apito dos trens à noite, que despertava nele a vontade de se tornar um engenheiro ferroviário. “A vida em Yorba Linda era difícil, mas feliz.” Seu pai fazia bicos, mas com uma horta, árvores frutíferas e uma vaca, a família tinha o bastante para comer.